

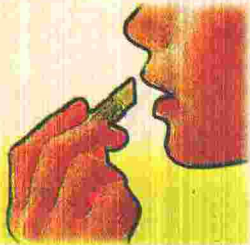
Cada um dribla como pode

Médicos orientam e prescrevem receitas para aliviar os sintomas da estiagem. Mas cada morador que sofre com a secura já elegeu o melhor jeitinho de contornar os problemas com a aridez do cerrado

Rosana Tonetti

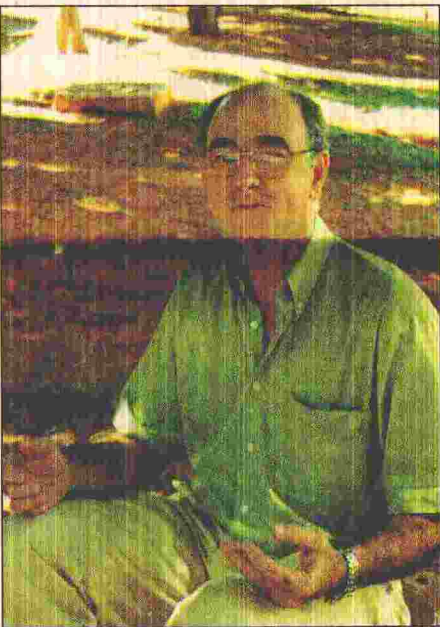
No mesmo ritmo em que a vegetação verde vai se tornando esturricada, os problemas das pessoas que padecem com a estiagem em Brasília se agravam. Para driblar os efeitos de um longo período sem chuvas, além dos cuidados médicos, tem muita gente que aprendeu a desenvolver e aperfeiçoar truques caseiros para aliviar os sintomas da secura. O jeito é se equipar com o kit antisseca. O conjunto de utensílios, cosméticos e remédios é formado de acordo com as necessidades de cada paciente. Vale tudo. Baldes de água espalhados pela casa, umidificadores ou toalhas encharcadas "ornamentando" a cabeceira de camas, peles besuntadas de hidratantes e manteiga de cacau para a boca fazem parte, entre tantos outros artigos, do dia-a-dia de quem quer dar um chega pra lá no clima árido do cerrado.

Fotos: Julio Fernandes



A bola da vez

Um gloss para os lábios e um hidratante para as mãos e o corpo são produtos essenciais na bolsa da secretária nacional de Esportes de Alto Rendimento, Maria Paula Gonçalves da Silva (magic Paula), de 41 anos. A fera das quadras de basquete assumiu o cargo em maio deste ano e enfrenta sua primeira seca na cidade. "Sei que ainda é cedo, sobretudo porque choveu faz pouco tempo, mas já estou me prevenindo dos efeitos da secura", afirma a atleta. Para fazer uso correto dos cosméticos, a secretária quer consultar um dermatologista do Distrito Federal para que ele receite cremes específicos para a sua pele, que já tem tendência ao ressecamento. A rinite alérgica, outra herança genética de magic Paula, também piorou. "Não vai demorar muito para eu precisar de um vaporizador", prevê ela, que procura ingerir bastante líquido ao longo do dia. "Isso me custa muitas interrupções no trabalho para ir ao banheiro, mas não faz mal", conclui.



Antibióticos? Tô fora

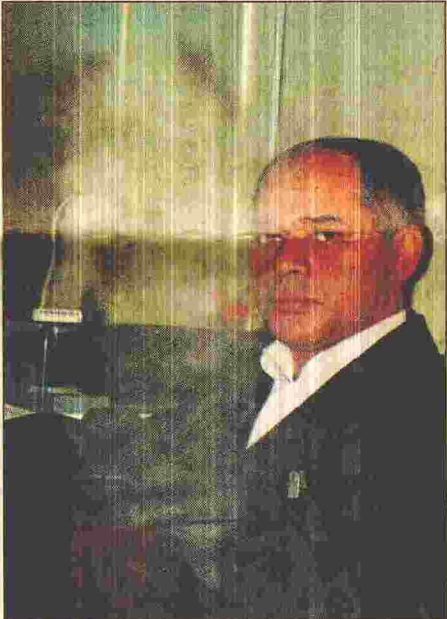
Mesmo para quem vive há anos – muitas vezes décadas – na cidade, a cantilena se repete. Nascido em Itabirinha, no interior de Minas Gerais, o consultor Edgar da Silva Vidal, 51, mora há 20 anos na capital federal. Entra ano, sai ano e a sinusite, a cada seca, se intensifica. O ar seco combinado com a poeira é um veneno para o consultor, que no ano passado amargou três crises durante os meses sem chuva. Na primeira, ele recorreu aos antibióticos. "Embora o efeito seja mais rápido, o medicamento diminui as defesas do organismo", argumenta Edgar, que sentia mau hálito e mau cheiro nas narinas e dificuldades para dormir. Tanto que nas duas últimas complicações ele se tratou com homeopatia. "Sem dúvida, me dei melhor porque os remédios não agridem tanto o corpo", conta o consultor, que é contra o uso de umidificadores por acreditar que eles podem propagar ainda mais a sujeira e, por desleixo, confessa não levar bacias de água nem toalhas molhadas para o quarto. Seu único cuidado é colocar cloreto de sódio no nariz.



Expectorante e saladas

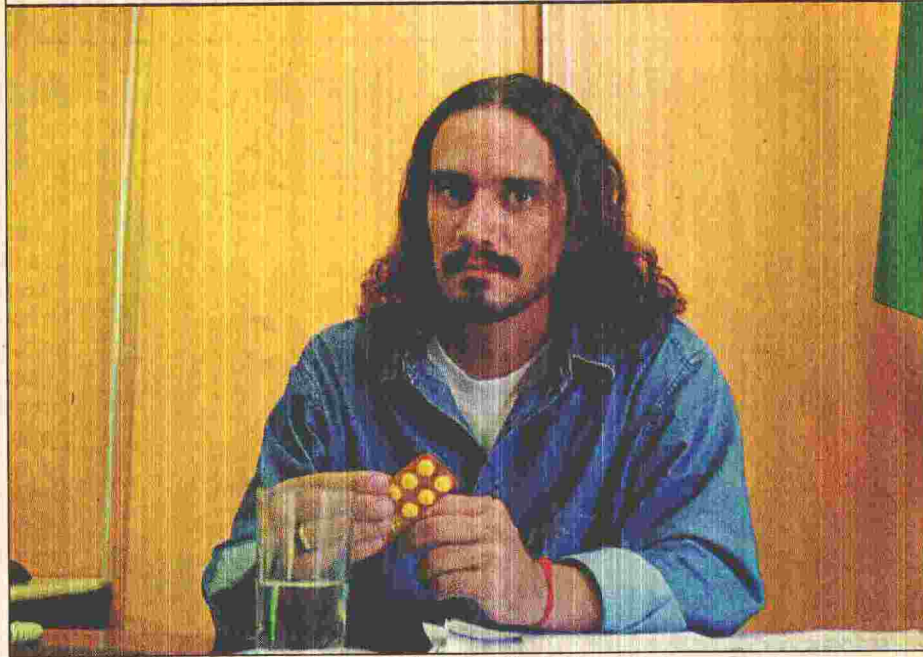
Nesta época do ano Brasília não é fácil. Principalmente para quem vem de outras regiões. Natural de São Paulo, mas residindo há dez no Recife, o coordenador-geral de políticas sociais de lazer da Secretaria Nacional do Desenvolvimento do Esporte, Marcelo "Russo" Ferreira, 33, está morando há 15 dias no DF. "Eu já conhecia os problemas da seca quando passei uma semana em agosto de 2000 na cidade, mas agora vou ter que me adaptar porque

vim para ficar", esclarece. "Sei que vou sofrer um pouco porque tenho rinite, mas já estou cuidando da alimentação, abusando mais das saladas e tomando muita água, em média dois litros diariamente", afirma o coordenador. À noite, ele usa uma pomada expectorante no tórax e coloca dois copos de água em cima do criado-mudo, que não toma. Marcelo garante que tais medidas têm sido suficientes para amenizar a secura do ambiente.



Antibióticos? Tô dentro

Ruim com eles, muito pior sem eles. A crença é do baiano Carlos Antônio Santos, 38, para quem os antibióticos são uma mão na roda. Desde que chegou a Brasília, em 1990, ele faz uso constante do medicamento para ajudar a evitar as constantes inflamações na garganta. Atualmente, ele ingere dois tipos, ambos receitados pelo médico. Um de seis em seis horas, e outro a cada oito horas. "Já pensei em ir embora de Brasília por causa da seca, mas só que o salário fala mais alto", confessa Carlos, que é garçom no Ministério da Educação e mora na cidade de Céu Azul, Goiás. No trabalho, não são raras as vezes em que ele tem de interromper o serviço para estancar o sangue que escorre pelo nariz. "Corro para a copa e me sento ao lado de um umidificador", conta. "Sinto que a cada ano a situação piora e que a seca está ficando mais rigorosa", afirma. À noite, apesar das baixas temperaturas dos meses de inverno, ele toma dois banhos frios antes de dormir. No quarto, ele e a mulher, Cléo Rodrigues dos Santos, 38, que também sofre com o falta de umidade, espalham bacias d'água e toalhas molhadas em volta da cama.



Crises de rinite

No período de estiagem, esses apetrechos também integram a "decoração" dos cômodos onde dorme a família da funcionária pública Anna Lopes, 39, que reside no Lago Norte. Principalmente no quarto dela e no do filho caçula, Alexandre, 6. Os dois são os que mais se ressentem das condições climáticas da época. Esta é a 25ª seca que Anna enfrenta. E não há meio de se acostumar. Nos primeiros anos, era só uma rinite. Agora, evoluiu para sinusite. Para se tratar, a funcionária pública, natural de Niterói (RJ), já recorreu da alopatia à homeopatia, além de um arsenal de reforços vitamínicos. Tudo em vão. "No ano passado tive uma crise horrível que começou em maio e se estendeu até feve-



reiro de 2003", conta Anna. "Tomei muito corticóide, que baixa a resistência e por isso ficava difícil me curar", relembra ela, que já se prepara para a nova frente seca que assola a cidade. Os sintomas incluem dores de cabeça, tonturas, falta de ar, expelção de sangue pelo nariz e pele muito ressecada. "Só não saio daqui porque amo Brasília", justifica Anna. Para quem acaba de chegar ou para quem já chegou há muito tempo, a grande pedida é lançar mão da melhor forma para ludibriar a severidade da seca. É difícil vencê-la. Mas é possível reunir uma série de artifícios que dá para competir e, no final, empatar com ela. E todo ano a história se repete.

